

Evitar retaliações, a estratégia eleitoral

3 FEV 1988

Errar é humano, mas insistir no erro é burrice. Com base em convicções assemelhadas, os empresários Antônio Ermírio de Moraes e Paulo Maluf decretaram uma espécie de trégua em seus desentendimentos particulares e com isso estão criando condições para uma eventual composição político-eleitoral voltada para a eleição presidencial.

Em ambas as assessorias, feitos os cálculos aritméticos, comprovou-se que teriam ganho as eleições para o governo de São Paulo, na hipótese de uma aliança prévia. De fato, somados os votos obtidos por Ermírio e por Maluf, verifica-se que teriam vencido folgadoamente o candidato Orestes Quércia, mesmo diante das condições extremamente favoráveis alcançadas naquele ano pelos peemedebistas com a ilusão do Plano Cruzado e seu enganoso tabelamento de preços.

A divisão de votos dos dois empresários é que deu a vitória para Orestes Quércia. Diante das perspectivas novas criadas pelo quadro sucessório, no qual torna-se evidente a posição de vantagem de um candidato largamente votado em São Paulo, onde está o maior contingente eleitoral, verifica-se que tanto Ermírio como Maluf parecem inclinados a encerrar o período de retaliações pessoais, abrindo terreno para negociações políticas.

Tanto para um como para outro não será fácil relaxar os nervos e esquecer os ressentimentos. Desde pequenos se conhecem e nunca se deram bem. Moradores do mesmo bairro paulistano, Paulo envolvia-se numa duradoura amizade com José Ermírio de Moraes Filho, o mais velho dos irmãos, ao mesmo tempo em que no futebol de rua trocava caneladas com o irrequieto Antônio Ermírio.

As diferenças nascidas na adolescência os acompanharam à maturidade e os levaram a posições antagônicas, que culminaram com a troca de insultos e acusações. Mas, agora, "quando valor mais alto se alevanta", segundo expressão de experimentado político, houve um resfriamento e está em curso o trabalho de aproximação para uma convergência de interesses.

É muito cedo para avaliar o que pode resultar dessa tentativa. O que parece evidente é o entusiasmo notado ao nível das assessorias dos dois rivais, uma vez que as pesquisas de opinião pública, invariavelmente, os apontam revezando-se sempre em primeiro e segundo lugar na preferência dos eleitores. Abaixo deles estão Orestes Quércia, Ulysses Guimarães e Mário Covas, porém de uma forma que os eventuais votos dos dois primeiros suplantam folgadoamente a possível votação somada do terceiro, quarto e quinto.

Enfim, Ermírio e Maluf, unidos, teriam em tese condição de derrotar o poderosíssimo PMDB. A trabalhada troca de apoio entre eles pode passar pela sucessão na Prefeitura da Capital, processo que se acelera com o passar dos dias (em janeiro de 1989 um novo prefeito já deve assumir em substituição a Jânio Quadros).

A julgar pelas notícias que emergem dos dois grupos, tanto Er-

mírio como Maluf se preparam para disputar a Presidência da República, ainda que neguem essa pretensão, por uma questão unicamente de tática política. O primeiro está mais exposto e sofre assédio permanente de amigos e eleitores, que o exortam incansavelmente no sentido de aceitar a candidatura. Ele repete que não concorrerá, mas o seu comportamento é o de quem começa a "armazenar" apoios.

Já com Paulo Maluf acontece o contrário. Derrotado por Tancredo Neves nas últimas eleições presidenciais, e a seguir vencido pelo PMDB na disputa para o governo de São Paulo, recolheu-se às suas atividades empresariais e dali não se arreda. Para isso contribuiu até mesmo a enfermidade (já superada) de seu irmão Roberto Maluf, que o obrigou a assumir em tempo integral a direção das empresas do grupo.

Não se sabe se propositadamente ou não, Maluf vem insistindo em aparecer mais como empresário do que como político. Na verdade, ele já não se envolve nem mesmo nas disputas para renovação do diretório de sua legenda — o PDS. Tem acompanhado com interesse contemplativo as disputas de companheiros, mas evita tomar partido.

Essa mudança de comportamento é sintomática e indica que pode ter assimilado o ensinamento dos fatos: a opinião pública está saturada da ineficiência dos políticos. Enfim, a classe política sofre um processo de desgaste que arranha cada vez mais a imagem de eventuais candidatos com essa característica (casos de Ulysses, Covas, Quércia e Brizola).

Pelo que se ouve junto à sua assessoria, Paulo Maluf pensa em concorrer à Presidência da República, mas entende que ainda não é o momento de externar pretensões. Ele estaria aguardando a definição do prazo de mandato do presidente José Sarney, sem o que qualquer iniciativa pode tornar-se ineficaz.

Ele tem demonstrado alegria e surpresa por verificar que aparece bem nas prévias eleitorais. Ficou especialmente impressionado com a pesquisa realizada semanas atrás pelo Estado, na qual figurou em primeiro lugar. "Se esse jornal chegou a tal conclusão é porque as tendências são essas mesmas" — disse a um assessor.

Ao mesmo tempo em que se observam esforços para uma aliança entre Ermírio e Maluf, no PMDB ocorre exatamente o contrário. As dissidências internas indicam que a legenda se dividirá na hipótese de escolha deste ou daquele candidato. A possibilidade de manutenção do PMDB unido repousa numa única saída: a escolha de Ulysses Guimarães como candidato.

De fato, por sua ascendência junto aos companheiros, ele teria condições de manter unido o partido. Todavia, a cada dia se torna evidente que é um candidato difícil de ser engolido pelo eleitorado. Sua imagem está desgastada e tende a piorar com a demora na promulgação da nova Constituição. Até mesmo a idade pode prejudicá-lo. A. T. C.